
RACIONALISMOS

REGIONAIS

E OS DISCURSOS

DA INTERDISCIPLINARIDADE

José Ternes*

Resumo: racionalismo regional é um conceito fundamental da epistemologia histórica de Gaston Bachelard. Segundo o filósofo, as revoluções científicas modernas, do século XIX em diante, constituem radical ruptura com a ciência clássica. Esta tinha como pressuposto a unidade da natureza, e por tarefa, dar a representação, ou a imagem, a mais perfeita possível, da ordem natural. As ciências modernas já não contariam com essa garantia primeira. E o projeto de uma mathesis universalis perde, agora, todo o sentido. A dispersão epistemológica torna-se acontecimento constitutivo do pensamento, e não simples acidente. E a especialização, portanto, tema privilegiado da filosofia contemporânea. Bachelard defende a tese de que a elucidação desse acontecimento deve ser buscada na própria razão. Uma região epistemológica encontraria sua configuração como forma distinta e autônoma de pensamento. Uma discussão indispensável para a interrogação acerca dos atuais discursos da interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Ciência moderna, racionalidade, racionalismo regional, interdisciplinaridade

Se observarmos a história do pensamento ocidental, a história das ciências, particularmente, poderemos constatar que temas tais como fronteiras do saber, campos de conhecimento, especialização, regiões epistemológicas, e discussões correlatas, como interdisciplinaridade e transversalidade, somente aparecem em nosso tempo. Vejam-se os estudos de Alexandre Koyré acerca de Galileu, de Newton ou de Descartes. Vejam-se as histórias arqueológicas de Foucault, tematizando a loucura na Idade Clássica, a medicina classificatória ou saberes como a história natural, a análise das riquezas, a gramática geral. Vejam-se, também, para mantermo-nos mais próximos às fontes, as histórias do pensamento ocidental de Condorcet, de Voltaire, de Diderot, de D’Alembert, já no século XVIII. Em nenhuma ocasião aquelas ques-

tões aparecem. Afloram somente em momentos históricos posteriores, não antes do século XIX. O que não me parece casual. E não estamos diante de modismos, apenas. É a natureza do pensamento moderno, e modernidade, aqui, tem um sentido preciso, a nossa modernidade, que torna possível esse tipo de questões. Por outro lado, deparamo-nos com as mais variadas e controvertidas interpretações desse acontecimento.

Com efeito, a natureza especializada do saber científico moderno mereceu atenção de grande parte dos intelectuais contemporâneos, desde Weber até Morin e Castoriadis. Muitos, como Castoriadis, profundamente preocupados com o acontecimento. O futuro político de nossa civilização lhe aparece bastante incerto, vez que está nas mãos de especialistas. Inspirado nos inventores da democracia, lembra que os gregos não exigiam de seus líderes nenhum saber específico. Não teria havido nenhuma episteme do bem governar. Daí, talvez, a idéia platônica do filósofo rei, aquele que não sabe nada particularmente, nem construir pontes, nem cultivar a terra, nem comandar exércitos. Mas seria portador de algo inestimável, a sabedoria, o conhecimento universal (CASTORIADIS, 2001, p. 39-40). Weber, num outro contexto de reflexão, já faz o elogio da especialização: “A ciência é, atualmente, uma ‘vocação’ alicerçada na especialização e posta ao serviço de uma tomada de consciência de nós mesmos e do conhecimento das relações objetivas” (WEBER, s/d, p. 47). Um cientista, assinala, não é nem um profeta, nem um salvador. Sua vocação (Beruf) é a da razão. Daí, por exemplo, as restrições ao sistema de ensino americano, voltado para a profissionalização. No seu entender, especialização diz respeito a intelecto, a conceito, mesmo que, na modernidade, indissociável da experimentação e da tecnologia. Com alguma relutância, pois se trata de figura fundamental do pensamento contemporâneo, preocupada com a insignificância do homem moderno, sem idéias, com um profundo desdém ao pensamento, esqueçamos, provisoriamente, Castoriadis. Abandonaremos, na verdade, um espectro amplo de possibilidades interpretativas. Assumiremos, no concernente à discussão da especialização, a perspectiva weberiana: desenvolveremos uma breve reflexão tomando como objeto o próprio pensamento. Como acabamos de assinalar, para Weber, contra o empirismo de sua época, particularmente cultivado nos Estados Unidos, a ciência não perdeu sua herança platônica, a de ser teoria, idéia, conceito. Com M. Foucault, poderíamos dizer que os temas em pauta são, antes de tudo, da ordem do saber. Com Bachelard e G. Canguilhem, e toda uma vertente que acredita em revoluções espiritu-

ais, que observa, na história do pensamento, mudanças de natureza e não apenas de forma, gostaríamos de assumir a idéia de que os temas aqui sugeridos são, acima de tudo, epistemológicos. E, antes que enveredar por sendas políticas, sociológicas, antropológicas, pedagógicas, etc., poder-se-ia, dever-se-ia formular, primeiro, a pergunta acerca da história do pensamento moderno. Investigar a dispersão epistemológica moderna como um acontecimento do pensamento ocidental, um acontecimento da razão, e não do homem ou da sociedade, como facilmente se acredita. Pediremos licença, no entanto, paradoxalmente, para mais uma infidelidade. Nosso weberianismo termina aqui, nessa definição de pista. Trabalharemos com um filósofo bastante conhecido no mundo acadêmico, e nem sempre levado a sério, Gaston Bachelard. Alguns textos merecem destaque: O cap. VII de O racionalismo aplicado (1949), a comunicação “Crítica preliminar do conceito de fronteira epistemológica”, apresentada no Congresso Internacional de Filosofia, em Praga, em 1934 e o pequeno ensaio “Noumène et michrophysique”, escrito para a Revista Recherches philosophiques, 1931. Mas, acreditamos, toda a obra epistemológica do filósofo oferece um material bastante adequado para o que importa, aqui.

Começemos com esta citação:

Será sadia a idéia de determinar regiões distintas na organização racional do saber? Não terá contra si a tradição filosófica do racionalismo apaixonado pela total unidade? E – objeção mais grave – a idéia de regionalizar o racionalismo não irá contra todos os esforços da epistemologia contemporânea para fundamentar a ciência, para encontrar o fundamento de toda ciência? (BACHELARD, 1977, p. 140).

Estas palavras de Bachelard, que iniciam o cap. VII de O racionalismo aplicado, podem servir como ocasião para um começo de conversa entre professores e pesquisadores, de filosofia e de outras áreas. Temos aí três idéias: “organização racional do saber”, “unidade do saber”, “fundamentação da ciência”. A primeira é o tema de que o filósofo se ocupa no cap. VII: “Racionalismos regionais”. As outras duas podem ser tomadas como subsidiárias, provocação, talvez. São objeto da crítica do filósofo.

O fato mesmo de se ocupar com o tema especialização sugere, desde logo, a certeza da existência de um objeto. Não se trata, pois, de

uma hipótese a ser verificada. Trata-se de um acontecimento facilmente observável: a ciência moderna, a de nosso tempo, cujo começo pode ser datado nas últimas décadas do século XVIII, tem uma natureza regional. Se nos situarmos numa perspectiva estritamente epistemológica, não mais encontramos a ciência, mas ciências. Nas palavras de Bachelard, deparamo-nos com organizações racionais do saber.

Antes de tudo, é preciso assinalar que as ordens do saber são racionais. Daí a presença, para muitos suspeita, da palavra racionalismo. Com efeito, desde o século XIX, a filosofia encontra no racionalismo um dos alvos privilegiados de suas críticas. E quando alguém, é o caso de Bachelard, bem como o de Weber, se declara abertamente racionalista, um certo mal-estar se espalha na Academia. Mas é o próprio filósofo que se antecipa: trata-se de um racionalismo aplicado; trata-se de um racionalismo discursivo. Ou, como lemos no primeiro texto de O engajamento racionalista, trata-se de “devolver à razão humana sua função de turbulência e de agressividade” (BACHELARD, 1972, p. 7). Turbulência, agressividade, da razão, no entanto. O divisor de águas parece colocado: contra o empirismo, predominante na epistemologia ocidental, o racionalismo. Contra o objeto dado, objetos construídos. Organizações racionais do saber. O plural é decisivo. A ciência clássica podia, era obrigada, mesmo, a postular a unidade de objeto. É que existiam as condições para tal: uma natureza previamente dada. Uma ordem natural sem fissuras. Quando essa garantia desaparece, no final do século XVIII, resta um só caminho: inventar os objetos. Depois de Kant, a responsabilidade do conhecimento reside no sujeito. Sapere aude são mais do que belas palavras, conselhos para adolescentes. É a ordem para aqueles que chegaram à maioridade. A noção bachelardiana de fenomenotécnica parece traduzir bem essa reorganização epistemológica que é a da nossa modernidade. O fenômeno construído não é nunca o mesmo. Unidade, hoje, é despropósito, é anacronismo.

Gostaria de insistir um pouco na singularidade da noção de fenomenotécnica. Esta noção nasce da conjunção de dois outros conceitos, fenomenologia e construção (racional) do saber. Como reunir, sem riscos, fenomenologia e racionalismo? Com efeito, aquela, desde o seu nascimento, na virada para o século XX, pretende redimir a filosofia com o retorno às coisas mesmas, o retorno ao vivido, à *Lebenswelt*. Já este, como é fácil perceber, e Bachelard o mostra bem no capítulo VI de O racionalismo aplicado, Conhecimento Comum e Conhecimento Científico, rompe com o mundo vivido, com o senso comum. Mas , estaria-

mos, mesmo, diante de uma ruptura com o mundo da vida? Uma leitura ligeira da obra do filósofo leva a esta conclusão. Foi o que fez, no meu entender, Michel Vadée, em sua tese Bachelard, ou le nouvel idéalisme épistémologique. Não percebera ele um viés fundamental da filosofia bachelardiana: a razão também é do mundo da vida. Pode-se, e com justiça, falar em “acontecimentos (événements) da razão”. Acontecimentos que podem ser descritos, objetos de uma filosofia, fenomenologia. Por se tratar de fenômenos construídos, fenomenotécnica. Então, talvez se deva dizer, com maior propriedade, que a ruptura não é com a vida, mas com a redução do vivido ao senso comum, ao sensível, à experiência primeira. Mas a vida do homem pode ser muito mais do que isto. E a ciência moderna nos abre um outro espaço, o da razão. A ciência moderna, na verdade, separa as coisas. Até o século XIX, assinala Bachelard em um texto de 1931, “Noumène et microphysique”, “a filosofia e a ciência falavam a mesma linguagem” (BACHELARD, 1970, p. 12). Ambas, em última instância, repetiam a linguagem de todos os dias. La formation de l’esprit scientifique é pródiga em comentários daquela idade pré-científica. As revoluções científicas modernas inauguram uma nova idade epistemológica, onde a ciência já não é mais “pleonasma da experiência”, onde “só há ciência daquilo que está escondido” (BACHELARD, 1975, p. 38).

A relação, antes impossível, com o oculto, o invisível, e, portanto, o obscuro, a profundidade, é traço constitutivo de nosso tempo. E não foi porque, finalmente, se reconheceu o estrabismo do conhecimento-visão, Merleau-Ponty o mostra bem, que agora se ampliam as possibilidades de percepção. Trata-se, antes, do fato mesmo de que não há mais nada a ser visto, no começo. As ciências modernas se realizam no duplo movimento de recuo do olhar e de avanço do espírito, da razão. Conheça-se, como bem observa Fábio Ferreira de Almeida, “através — através dos instrumentos, das técnicas, enfim, de todo um aparato de reificação das teorias” (ALMEIDA, 2007, p. 46). É o objeto mesmo das ciências modernas, decididamente modernas, que interdita as epistemologias realistas. E mais, ao contrário do que muitas vezes se imagina, a matematização, agora, não é uma simples questão de instrumentalização. Desapareceram as condições mesmas de representação, ou seja, a realidade previamente dada. Antes, a matemática era convocada, vinha de fora, para organizar nossas idéias acerca do mundo. Agora, essa facilidade desaparece. Não há mais mundo para ordenar. Trata-se de criar mundos. Ou, de os calcular.

É a fórmula matemática que lhe dará uma forma, é pelo vínculo matemático que se coordenarão em uma unidade os termos confusos no fenômeno imediato. Aliás, os vínculos matemáticos não seguem de modo algum as ligações que poderiam aparecer na ligação primeira. Eles seguem a trilha de uma coordenação numênica, são objeto de um pensamento coordenado antes de ser objeto de uma verificação experimental (BACHELARD, 1970, p. 15).

Eis o kantismo modificado. O pensamento de Kant, com efeito, buscou instruir-se na ciência de seu tempo, particularmente a mecânica newtoniana. A oposição fenômeno/noumeno se justificava. Nossa modernidade transgride esse esquema dualista do filósofo. Poderíamos falar numa inversão, que o próprio Kant chamou de copernicana: o que apenas pode ser pensado é o que configura o real. Ou seja, o objeto científico é noumeno.

Bachelard o expõe nesta outra passagem, do mesmo texto, *Noumène e microphysique*. O título não poderia ser mais instigante! Mas o filósofo vai mais longe: convoca o poeta Paul Valéry para dar o devido tom à nova epistemologia:

“O problema filosófico da verificação das teorias então se modifica. A exigência empirista que reduz tudo à experiência, exigência ainda tão nítida no século XIX, perdeu a primazia. A força da descoberta passou quase integralmente para a teoria matemática. Outrora, a filosofia geral da experiência em física ficaria bem expressa nesta frase de Valéry: é preciso, diz o poeta, para glorificar a visão, reduzir o que se vê àquilo que se vê. Diríamos agora, para traduzir a verdadeira tarefa da microfísica: é preciso reduzir o que não se vê àquilo que não se vê, passando pela experiência visível. Nossa intuição intelectual prevalece agora sobre a intuição sensível. Nosso domínio de verificação material não fornece senão apenas uma prova sunumerária (surnuméraire)¹ para quem não crê na racionalidade. Pouco a pouco, é a coerência racional que suplanta em força de convicção a coesão da experiência usual (BACHELARD, 1970, p. 15).

Talvez se encontrem aí, nesse acontecimento radical do retorno do noumeno como objeto de ciência, e Bachelard não hesita em afirmar

que a nova física se fez metafísica, talvez se encontrem aí, no desaparecimento da ordem natural e na constituição, anunciada por Kant, do sujeito como função da verdade, as condições incontornáveis da dispersão epistemológica moderna.

Compreende-se, então, as duas provocações iniciais da citação no começo desta conversa: o que dizer do “racionalismo apaixonado dos filósofos” que, desde a aurora de nossa civilização, defende a unidade do saber, a necessidade de sínteses unificadoras? o que dizer de muitos de nossos contemporâneos, cuja questão primeira não é, essencialmente, diferente daquela dos clássicos do século XVII, a busca de um point de départ, de um fundamento do conhecimento científico? Quanto aos primeiros, nada a dizer. Não vale a pena polemizar com quem não sai de seus preconceitos, com quem não tem como situar-se na questão. Com efeito, é muito comum, especialmente em nossas escolas, filósofos se arrogarem o direito de dar lições à ciência. E a mais tradicional parece ser, mesmo, a da unidade. E hoje, mais do que nunca, diante do gritante esfacelamento do quadro epistemológico, caberia à filosofia a função de reunificação. Uma nova síntese, assim como já teria ocorrido na Grécia Antiga, com Aristóteles, na Idade Média, com Tomás, no século XVII, com Descartes. Tarefa nada modesta e da qual a epistemologia francesa declina, pois dá à filosofia outra função. Já os outros filósofos, aqueles preocupados com os fundamentos das ciências modernas, merecem maior cuidado. Husserl, alvo principal da polêmica, tem o seu peso no pensamento contemporâneo. Ao contrário daqueles, ainda metafísicos, é criador de filosofia, de um campo de discursividade da maior importância. E mais, como o próprio Bachelard, é instruído na cidade científica de seu tempo. Como Bachelard, parte de problemas que a ciência atual lhe coloca, particularmente a matemática. Ambos vivem um sentimento comum aos homens de ciência da primeira metade do século XX: a crise das ciências européias. O título de um dos livros mais importantes do filósofo de Freiburg, um dos mais significativos títulos do pensamento moderno, bem poderia ser o de algum dos tratados epistemológicos do francês. Ambos, Bachelard e Husserl, cada um a seu modo, assinalam a crise epistemológica que acomete a cultura ocidental desde o século XIX. As semelhanças, no entanto, parecem reduzir-se a isso, à constatação do acontecimento. Daí em diante, muitas divergências, principalmente quanto ao concernente à compreensão mesma da crise. Para Husserl, uma catástrofe. Daí, o seu desejo de um novo ensaio de *Prima Philosophia*, a pretensão de um cartesianismo corrigido, devolvendo ao

homem de nosso tempo a segurança perdida. Para Bachelard, uma essencial novidade na ordem do saber. “Como cremos, afirma ele, o conhecimento científico retoma totalmente, em novas bases, a construção do conhecimento” (BACHELARD, 1970, p. 142). A questão do fundamento, se ainda for questão, muda, agora, de natureza.

Vejamos um exemplo: num encontro da “Sociedade Francesa de Filosofia”, na seção de sábado, 25 de março de 1950, dedicada à natureza do racionalismo, Bénézé faz esta pergunta acerca da origem de um postulado em Einstein: donde vem este postulado? E Bachelard responde:

Mas, um postulado, a gente o afirma! Você não precisa definir como você o obtém! É a estrutura, as axiomáticas, do racionalismo! O racionalismo não deve se ocupar do que há antes dos postulados!

O que respondeu M. Bauer, numa conferência no Centro de M. Berr, quando se lhe perguntou: No fundo, o que é a energia? Ele respondeu: Mas, não há fundo! A questão no fundo não tem sentido positivo (BACHELARD, 1972, p. 62).

Eis-nos no cerne da questão: a da natureza da ciência contemporânea, ou, na expressão do filósofo, das organizações racionais do saber. Para Bachelard, e poderíamos elencar uma plêiade de contemporâneos, o grande acontecimento epistemológico que inaugurou nossa modernidade diz respeito à transformação do saber no que lhe é constitutivo. Por muito tempo acreditou-se que a ciência deveria dar, da natureza, a mais fiel representação possível. Nessa tradição, que tem em Descartes sua figura mais ilustre, a questão do fundo era necessária. Pois se tratava, sempre, de conhecer uma realidade já dada. Havia, desde o começo, uma Natureza a explicar. Havia, se quisermos, fundamento. Durante toda a Idade Clássica, o saber se constituía numa enorme tarefa de naturalização, isto é, de adequar-se, o mais fielmente possível, à ordem natural.

Bachelard, em sua resposta a Bénézé, afirma algo muito grave: com Einstein, e isto é apenas um nome, melhor seria dizer, apropriando-nos de uma expressão de Foucault, com o acontecimento Einstein, toda a base em que se apoiavam nossas verdades foi solapada. Não há mais um anterior, garantia de um point de départ seguro. Não há mais ponto de partida. A novidade está justamente nisto, há pouco testemunhado nas palavras do filósofo: recomeçar em novas bases. Na certeza, porém, de que não estão dadas. Elas são nossa invenção.

Essa necessidade fora também ocasião para muitos equívocos. Não podemos esquecer que há algo já estabelecido quando dizemos, com Bachelard, novas bases. Primeiro, há as antigas bases, e que não podem ser dispensadas sem conflito. A formação do espírito científico nos ensina que não simplesmente conhecemos, mas que conhecemos contra. Depois, as novas bases são racionais, organizações racionais do saber, o que impõe engajamento. Se acompanharmos o Cap. VII de O racionalismo aplicado, podemos observar a preocupação em evitar os mal-entendidos. O caminho da ciência é íngreme, cheio de obstáculos epistemológicos, e estes são tenazes, pois, como mostra *La philosophie du non*, têm a ver com a estrutura mesma do conhecimento. Vale a pena insistir nas duas preocupações mais fortes do filósofo.

Inicialmente, a desmistificação das, assim chamadas, experiências primeiras. Estas, quase sempre, são enganosas. A experiência nos ensina, por exemplo, que a terra é fixa e que tudo gira em torno dela. Bachelard lembra uma imagem de *Les idées noires*, do poeta Luc Decaunes:

foi quando Cristóvão Colombo descobriu a América que a terra certa de ser redonda se pôs decididamente a girar. Então a rotação dos céus parou, então as estrelas fixas tornaram-se – durante os quatro séculos que antecederam Einstein – as balizas de um espaço absoluto. [...] Fora preciso que o fato da rotação da terra se tornasse um pensamento racional, um pensamento que se aplica a domínios diferentes para que fossem destruídas todas as provas de imobilidade da terra achadas na experiência vulgar (BACHELARD, 1977, p. 144).

Com efeito, lemos na página anterior, “as regiões do saber científico são determinadas pela reflexão. Não as encontramos esboçadas numa fenomenologia de primeiro contato” (BACHELARD, 1977, p. 143). Esta parece ser a primeira distinção da ciência moderna, essencial, e que marca profundamente a epistemologia bachelardiana.

A segunda preocupação do filósofo diz respeito ao racionalismo, à natureza dos racionalismos regionais, à pergunta quase espontânea do filósofo acerca do geral, das relações dos pensamentos, sem dúvida fragmentários, com a vontade de unificação e síntese. “Há duas maneiras de encarar essa relação”, diz Bachelard (1977, p. 153). A primeira é aquela da tradição que professa um racionalismo apaixonado, universal,

a priori, válido para toda experiência. Na verdade, “em retirada sobre a experiência” (sic), pois se proíbe todo pensamento objetivo. Trata-se, como se pode ver facilmente, de um discurso que se faz de fora da ciência e de uma eficácia epistemológica duvidosa. Com efeito, lemos em *Le nouvel esprit scientifique*, “um físico ou um matemático, não comete erros de memória” (BACHELARD, 1978, p. 148), “é impossível que um físico cometa uma falta contra as regras de Descartes” ((BACHELARD, 1978, p. 151). O Discurso ou as *Regulae* não passam hoje, de etiquetas elementares. Continuam, no entanto, para muitos, ainda que com outras vestes, a única filosofia. Uma Bíblia para filósofos de ocasião: “... por que procurar outra verdade quando temos a verdade do ‘cogito’? Por que conhecer imperfeitamente, indiretamente, quando temos a possibilidade de um conhecimento primitivamente perfeito (BACHELARD, 1977, p. 154-5).

Esses filósofos, assinala Bachelard, não têm a honestidade de aprender com a ciência. Acreditam que sabem e se dirigem à ciência, orgulhosamente, arrogantemente, para ensinar-lhe verdades de todos os tempos. E porque não aprendem com a ciência, pois não se situam no lugar adequado, a atualidade da ciência, perdem-se em seus arredores. E falam de seus arredores. Em outras palavras, não vêem na ciência, ou nas ciências, um acontecimento da razão. Vêem-na como capítulo de outra história. Não é por acaso que o filósofo acusa a maioria dos cientistas de não terem a filosofia que merecem. Mas que filosofia mereciam os cientistas? Apenas uma. Não a dos filósofos, “apaixonados pela total unidade”, mas aquela outra, nascida do trabalho de investigação da ciência “em ato”.

Sem esse trabalho, todo discurso acerca das relações entre campos de saber corre sério risco. O reconhecimento de regiões epistemológicas autônomas, ou relativamente autônomas, e o estudo de seu estatuto, ou de seus estatutos, parece-nos condição indispensável para toda discussão acerca das relações entre saberes. Condição, também, quase nunca levada a sério nos infinitos discursos da interdisciplinaridade facilmente encontrados. E não se trata apenas de práticas discursivas. Para além do discurso, há, como diria Foucault, práticas não-discursivas que poderiam, ou deveriam merecer atenção. Vemos, hoje, proliferar lugares institucionais do interdisciplinar: mestrados e doutorados, centros de pesquisas, etc, ao lado de discursos mil de uma pretensa inter sem a pergunta prévia acerca da própria disciplina, das organizações regionais do saber. Não apenas não se coloca a pergunta prévia acerca do regional, mas, o que se torna

mais grave, a própria razão aparece como questão secundária, dispensável, até, porque teórica.

Com Bachelard encontramos, não uma solução, mas, sem dúvida, pistas para conversar. Aposto ele num outro racionalismo, estendido, talvez geral, ou, com muito risco, interdisciplinar, mas de outra natureza. Bachelard o chama de integral ou integrante (ibid). O nome não importa, mas a compreensão mesma da tarefa a realizar. Já temos estabelecido, desde a citação inicial, que o que está em jogo são organizações racionais do saber. O que está em jogo é a possibilidade mesma do pensamento. O filósofo insiste: apesar de tudo, apesar, principalmente, do Cogito que inspirou nossa cultura durante três séculos, não há outro caminho que o do racionalismo. Regionalizado, porém. O que precisa ser bem compreendido: uma região epistemológica não pode ser demarcada de fora. É, antes, uma tarefa de pensamento. Os objetos das ciências modernas são, efetivamente, criados, pensados. Não mais são dados, como se acreditou por muito tempo, como se acredita ainda em muitos círculos: são construídos. As ciências modernas, se efetivamente modernas, se realizam em novas bases. O grande medo, o pavor que acomete os pesquisadores, nasce daí: novas bases, ausência de bases. Ausência de fundamentos.

Nota:

¹ A tradução da palavra francesa pelo neologismo *sunumerária* é de nossa responsabilidade e risco.

Referências:

ALMEIDA, F. F. *A poética como ontologia da diferença*: ensaio sobre a filosofia de Gaston Bachelard. Tese (Doutorado) – UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

BACHELARD, G. *L'engagement rationaliste*. Paris: PUF, 1972.

BACHELARD, G. *Études*. Paris: Vrin, 1970.

BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin, 1972.

BACHELARD, G. *Le nouvel esprit scientifique*. Paris: PUF, 1978.

BACHELARD, G. *O racionalismo aplicado*. Tradução de N. C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977

BACHELARD, G. *Le rationalisme appliqué*. Paris: PUF, 1975.

CASTORIADIS, C. *Post-scriptum sobre a insignificância*: entrevista a Daniel Mermet. Tradução de Salma T. Buchail e M.L. Rodrigues. São Paulo: Veras, 2001.

FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.

KANT, I. "Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?" In: TEXTOS Seletos. Petrópolis: Vozes, 1974.

WEBBER, M. *Ciência e política: duas vocações*. Tradução de L. Hegenberg e O. S. da Mota. São Paulo: Cultrix, s/d.

Abstract: regional Rationalism is a basic concept in Gaston Bachelard's historical epistemology. According to the philosopher, from the 19th century onwards, the modern scientific revolutions constitute a radical rupture from classical science. The proposal of the latter was the unity of nature and its task was to present as perfect a representation or image of the natural order as possible. Modern sciences cannot count on such a primary guarantee. And so the project of a Mathesis universalis loses all meaning. Epistemological dispersion has become a constitutive and not only an accidental element of thought. And, consequently, specialization has become a favorite theme of contemporary philosophy. Bachelard defends the thesis that the explanation for this happening should be sought after in reason itself. An epistemological region would find its configuration as a distinct and autonomous form of thought. This is an indispensable discussion to question the present discourses concerning interdisciplinarity.

Kew words: Modern science, rationality, regional rationalism, interdisciplinarity

* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor titular no Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Goiás. E-mail: joseternes@hotmail.com